

CLARICE LISPECTOR

E. RODRIGUEZ MONEGAL

Mundo Nuevo nº 6, dezembro de 1966

Clarice Lispector é o maestro aceito do romance experimental dos anos 60.

Já publicou quatro romances: *Perto do Coração Selvagem* (1944), *A Cidade Sitiada* (1949), *A Maçã no Escuro* (1961) e *A Paixão Segundo G.H.* (1964). Também publicou três volumes de contos. Seus três primeiros romances passaram quase que despercebidos quando de sua publicação. O sucesso chegou somente com os dois últimos que são, incontestavelmente, os melhores. Mas o sucesso, ainda que de um tipo muito especializado, é algo que não pode afetar a atitude da autora com respeito à sua própria ficção. Ela escreve (é evidente) para realizar uma vocação tirânica e porque não pode deixar de assim o fazer. O que escreve pouco tem a ver com o que está realmente em moda na sua época. Até certo ponto, sua atitude se parece com a de Graciliano Ramos: ambos são reticentes e muito pessoais no seu enfoque, ainda que suas respectivas obras tenham muito pouco em comum.

Seus dois últimos romances revelam um modo de pensar e uma imaginação profundamente comprometida numa busca da realidade; uma determinação em forças a todo custo e um ardente desejo de alcançar o núcleo das coisas.

Até certo ponto Clarice Lispector pode ser comparada a Virginia Woolf (como já o fizeram alguns de seus críticos) por sua obsessiva atitude filosófica. Mas seria um erro crer que Clarice Lispector está dando corda para trás no relógio do mundo do romance. Num sentido seus romances são, como os de Virginia Woolf, criações poéticas que ao mesmo tempo tentam ir um pouco mais além do que as daquela. Assim como a autora de *"To the Lighthouse"* sofreu a influência de escritores como Frazer, Bergson e Joyce, a romancista brasileira está sob a influência de sua escola contemporânea de antropologia social e psicanalítica. De uma maneira muito sutil, seu esforço se vincula ao prematuramente tentado por Mário de Andrade. A fenomenologia ajuda Clarice Lispector a pesquisar no que está sob a superfície da consciência humana. Sua tarefa se torna cada vez mais árdua e difícil. Mas mesmo se se teme que certos pressupostos filosóficos de seus romances são, às vezes, algo audaciosos, sua habilidade em criar um mundo totalmente fictício, esses poderes quase que hipnóticos que lhe permitem extrair das palavras mais simples todas as suas virtudes encantadoras, até à unilateralidade de sua visão trágica, tendem a operar no leitor como que um feitiço.

Parte da obra de Clarice Lispector é inacessível para o leitor comum. O que este em geral aí encontra, é uma superfície brilhante e árida, um relato extremamente lento, personagens misteriosos que sofrem de alguma obscuridade mental. Capturado pela sua prosa, o leitor descobre que em seus romances a realidade cotidiana se converte em alucinação. E, ao mesmo tempo, as alucinações são apresentadas como coisas comuns.

Devido ao seu enfoque sobre o todo mitológico, ela é mais uma feiticeira do que uma escritora. Seus romances revelam o incrível poder das palavras que

trabalham sobre a imaginação e a sensibilidade do leitor. Em suma, ela demonstra, por um caminho diferente, o que já havia sido demonstrado por Guimarães Rosa: a importância da linguagem criativa do romance.

Todas as suas obras revelam uma determinação, quase que obsessiva, do uso da palavra exata, de esgotar as possibilidades de cada palavra, de construir uma sólida estrutura de palavras. Seus dois últimos romances estão escritos com o rigor de um poema. Exigem do leitor uma concentração equivalente à que exige a melhor poesia contemporânea. Perguntei uma vez a Guimarães Rosa o que pensava da obra de Clarice Lispector. Respondeu-me muito abertamente, que cada vez que lia um de seus romances aprendia palavras novas ou redescobria o uso das que já conhecia. Mas ao mesmo tempo reconheceu que não era muito receptivo a este estilo de encantamento. Parecia-lhe estranho a si mesmo. Sua reação não tem nada de especial e explica, até certo ponto, as limitações de Clarice Lispector como romancista.

Os críticos ingleses costumam falar de formas de arte que requerem um "gosto adquirido": o que significa um gosto preparado, fomentado, exercitado.

Creio que as obras de Clarice Lispector pertencem a esta categoria enquanto que as de Guimarães Rosa possuem, a meu ver, um atrativo mais universal.

Como assinalou um de seus críticos recentemente, seus romances também são criações mito-poéticas nas quais a exploração lenta, que chega até à exasperação, de uma dada realidade aparece refletida em formas muito primitivas da consciência. O mesmo crítico também assinalou que dois de seus mais recentes romances voltam a desenhar o descobrimento da consciência filosófica do homem a partir do que se chama de mentalidade primitiva. Então, de acordo com José Américo Motta Peçanha, a consciência do homem que Clarice Lispector explorara em certos episódios de seus romances anteriores e em alguns de seus contos, aparece completamente organizada numa mitologia em "**A Maçã no Escuro**". A aventura do principal personagem deste romance se convertiria assim num símbolo de retorno do herói às suas origens, às suas raízes, à terra materna. Em "**A Paixão Segundo G.H.**", o problema das origens é apresentado de uma forma mais filosófica que antropológica. Num de seus melhores contos, "O Ovo e a Galinha", ela apresenta variações subliminares e tão sutis como a estrutura de um quarteto, sobre um tem velho como o mundo.

Em "**A Maçã no Escuro**", a luta interior de um homem que crê ter assassinado sua mulher é o pretexto para uma exploração não diminuída da captação da realidade, tanto externa como interna, que realiza o protagonista, com seu poder de enfrentar-se com os objetos concretos, com sua intrusão num contexto estranho e sempre hostil: o mundo. No início do romance o homem se perde num deserto, e neste vazio até mesmo as palavras são difíceis de serem encontradas. Em "**A Paixão Segundo G.H.**", o personagem principal é uma mulher que fala incessantemente. Ela tenta captar a realidade desnuda do instante presente e para recuperar sua alma revela a sua **paixão**, palavra que a autora usa deliberadamente com duplo sentido: o grego (sofrer) e o cristão. Paradoxalmente, o uso de uma linguagem religiosa neste romance indica o enfoque profano da autora. Como foi assinalado por um de seus críticos, a linguagem religiosa serve para encobrir ainda mais a sua visão.

É esta uma forma oblíqua de tornar o mundo real menos sagrado, da mesma forma que no seu romance anterior todo o seu intento revelava a necessidade de destruir os pressupostos da psicologia racional. Ambos os romances são a origem de uma nova e particular mitologia.

Clarice Lispector pertence assim à linha dos escritores que acreditam na recriação de toda a realidade através da linguagem: a velha linha da literatura.